
GRUPO DE ORIENTAÇÃO A PAIS EM CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA

PARENTS ORIENTATION GROUP IN PSYCHOLOGY CLINICAL SCHOOL

Taíla Pazzetto¹
Caroline Guisantes de Salvo Toni²

RESUMO

É no contexto familiar que a criança aprende as suas primeiras formas de relação com o mundo. Assim, atuar junto à família é uma forma de modificar algumas das contingências responsáveis pela manutenção de comportamentos indesejados da criança. Nesse contexto, este estudo teve por objetivo analisar o impacto de um programa de orientação a pais sobre as práticas educativas e qualidade da interação familiar de pais de crianças com queixas de problemas de comportamento e dificuldades escolares. O grupo de orientação a pais contou com nove encontros, com duração de 90 minutos, com periodicidade semanal, na clínica-escola de uma Universidade. Foram mensuradas as práticas educativas e a qualidade de interação familiar dos participantes antes e após a aplicação do programa. Os resultados apontam melhora das práticas educativas dos pais após o grupo. Discutem-se as possibilidades de trabalhos de orientação a pais como alternativa ao tratamento psicoterápico infantil individual.

Palavras-chave: Práticas Educativas; Estilo Parental; Interação Familiar; Orientação a Pais.

ABSTRACT

In the familiar context and through parents's models, children learn the first ways of relation to the world. Thus, acting with the family is a way to modify some of the contingencies responsible for maintaining the child's unwanted behaviors. In this scenario, this study aimed to analyze the impact of an orientation program for parents about educational practices, parenting styles and quality of family interaction of parents of children with complaints of behavior problems and school difficulties. The groups of parents's orientation lasted nine meetings, with 90 minutes each, weekly, at the Psychology Clinical School at the University. Educational practices were measured, as well as parenting styles and the quality of family interaction before and after the implementation of the program. The results showed improvement in the measurement took after the group occurred. The possibilities of working with orientation for parents like alternative to individual child psychotherapeutic treatment were discussed.

Keywords: Educational Practices; Parental Style, Familiar Interaction; Parents' Orientation.

¹ Psicóloga. Graduada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati-PR, Brasil. *E-mail*: taila_pazzetto@hotmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica. Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati-PR, Brasil. *E-mail*: carolineguisantes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as relações pais e filhos têm ganho força no meio científico, expressando a ideia de que a forma como os pais educam os filhos é fundamental na instalação e manutenção de comportamentos socialmente desejados (Bolsoni-Silva & Marturano, 2007; Cia, Pamplin, & Williams 2008; Salvador, 2007; Tozze & Bolsoni-Silva, 2017; Weber, 2017). Weber (2017) destaca a relevância desses temas, sendo imprescindível sua discussão na atualidade, visto a influência dos pais tanto na aquisição de habilidades sociais em crianças e adolescentes, como na construção de contingências que viabilizam o surgimento/aprendizagem de comportamentos indesejados.

As estratégias utilizadas pelos pais para orientar os comportamentos dos filhos e promover sua socialização recebem o nome de práticas educativas (Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002). Ao conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com os filhos, dá-se o nome de Estilo Parental (Gomide, 2003). Os pais geralmente utilizam uma combinação de várias práticas educativas e irão variá-las de acordo com a situação (Gomide, 2006).

Os primeiros estudos sobre estilos parentais foram os de Baumrind (1966). A autora buscou compreender os estilos parentais a partir da avaliação de certas características dos pais, tais como os padrões de autoridade e comunicação familiar. A partir desses atributos, a autora diferenciou três estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo. Subsidiados pelos estudos de Baumrind, Maccoby e Martin (1983), estabeleceram como parâmetro de diferenciação dos estilos duas dimensões ortogonais: a responsividade e a exigência. A primeira refere-se à reciprocidade, comunicação, afetividade, bem como ao reconhecimento e respeito a individualidade do filho. Já a exigência refere-se à disponibilidade dos pais para supervisionarem e monitorarem o comportamento dos filhos como agentes socializadores que estabelecem padrões de desempenho, disciplina consistente e contingente (Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002). Uma vez cruzadas, as dimensões resultam em quatro estilos parentais: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Os dois últimos estilos são um desmembramento do estilo permissivo proposto por Baumrind (1966).

O estilo autoritário descreve pais com alta exigência e baixa responsividade. Já os estilos indulgente e negligente descrevem pais com baixa exigência, sendo que pais indulgentes apresentam alta responsividade, diferentemente de pais negligentes, que tem baixa responsividade. O estilo autoritativo é considerado o melhor, visto de descrever pais com alta responsividade e alta exigência (Ceconello, Antoni, & Koller, 2003)

No Brasil, Gomide (2003, 2006) construiu um modelo de estudo dos estilos parentais a partir da avaliação de práticas educativas. As práticas educativas seriam as diferentes estratégias utilizadas pelos pais buscando a socialização do filho. Para a autora, as práticas educativas podem ser positivas ou negativas. São seis as práticas educativas negativas. A negligência descreve a prática de ausência de atenção e afeto; o abuso físico e o abuso psicológico podem ser caracterizados pela disciplina através de práticas corporais negativas, ameaça e chantagem de abandono, bem como humilhação do filho. A punição inconsistente descreve a prática na qual os pais se orientam pelo seu próprio humor para punir ou reforçar a criança, levando pouco em consideração o comportamento praticado pelo filho. A monitoria negativa pode ser descrita

como o uso excessivo de instruções e ordens independentemente de seu cumprimento; tal prática tende a levar a um ambiente estressante e hostil na família. Por fim, a disciplina relaxada compreende a falta de regras e/ou relaxamento das regras estabelecidas (Gomide, 2006).

Gomide (2006) descreve ainda duas práticas educativas positivas. A primeira é a monitoria positiva, que envolve atenção, acompanhamento e supervisão de atividades da criança, inclusive as escolares, bem como o uso adequado de regras e reforçamento. A segunda é o comportamento moral, que está relacionada ao desenvolvimento de virtudes e habilidades socioemocionais, tais como empatia, generosidade, senso de justiça, entre outras, e que se constroem principalmente a partir do modelo dos pais. Segundo a autora, os pais utilizam uma combinação única e idiossincrática de práticas positivas e negativas, sendo que se as práticas positivas ocorrerem em maior frequência, tem-se um estilo parental protetivo; caso as práticas educativas negativas ocorrem em maior frequência, tem-se um estilo parental de risco (Gomide, 2003, 2004, 2006).

A relação das práticas educativas parentais e sua influência sobre o comportamento da criança têm sido amplamente pesquisadas. Estudos descrevem que crianças com problemas de comportamento apresentam mais situações de adversidade no ambiente familiar, tendo pais com práticas indesejadas, maior agressividade e relacionamento conflituoso. Ao contrário disso, crianças que apresentam desenvolvimento saudável apresentam pais proativos, que organizam a rotina diária do filho, estão mais disponíveis e se ocupam com providências relacionadas aos estudos e atividades de lazer da criança (Alvarenga *et al.*, 2001; Camacho & Matos, 2007; Cia, D'affonseca, & Barham, 2004; Costa, Cia, & Barham, 2007; Ferreira & Marturano, 2002; Marin *et al.*, 2012; Rolfsen & Martinez, 2008; Salvador, 2012; Tozze & Bolsoni-Silva, 2017). Neste sentido, Martinelli, Matsuoka e Fernandes (2017) apontam a família como a primeira instituição social em que a criança está inserida, sendo que em conjunto com outros ambientes, como a escola, a criança apreende nesse contexto valores sobre si e sobre o mundo, bem como constrói crenças e significados sobre as relações em sociedade.

Ainda descrevendo a influência dos estilos parentais no desenvolvimento da criança, alguns estudos relacionaram as práticas educativas parentais às dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento dos filhos. Por exemplo, Sapienza, Farias e Silveiras (2009) evidenciaram que pais de filhos com baixo rendimento acadêmico apresentam práticas educativas negativas, demonstrando pouca atenção e afeto. Por outro lado, pais de adolescentes com boas notas utilizam práticas educativas positivas e menos práticas negativas. Toni e Hecavei (2014) apontam ainda que quanto maior a monitoria positiva exercida pelos pais, menor o uso de disciplina relaxada e quanto mais baixa a utilização de abuso físico materno melhor o rendimento acadêmico da criança.

Salvador (2007; 2012) demonstrou que as práticas educativas parentais possuem uma associação significativa ao desempenho escolar, visto que práticas de envolvimento, acompanhamento, regras e comunicação se associam a melhores índices de desempenho acadêmico dos filhos. Assim, é importante considerar a influência das práticas parentais negativas como preditoras de dificuldades escolares e de baixa competência social dos filhos, pois tais dificuldades podem surgir de déficits de repertórios que não foram aprendidos no âmbito familiar. Tais estudos justificam a importância de construir grupos de orientação aos pais de crianças com dificuldades escolares.

No contexto da orientação a pais, há diferentes modelos de tratamento e intervenção que possibilitam o treinamento de pais no enfrentamento de problemas relacionados ao comportamento infantil indesejado (Caminha, Almeida, & Scherer, 2011; Caminha, 2011; Costa, Rodrigues, Bizarro, & Fridman, 2011; Marinho, 1999; Marinotti, 2012; Salvador, 2012; Wainer & Wainer, 2011; Weber, Salvador, & Brandenburg, 2006, 2011). Os programas de orientação a pais, orientados pela análise do comportamento ou Psicoterapia cognitivo-comportamental, apesar de apresentarem enfoques metodológicos diferentes, apresentam características comuns, tais como o foco em ajudar os pais a compreenderem o processo de desenvolvimento e aquisição de comportamentos da criança, estabelecer regras e limites, construir relações pautadas no afeto e acompanhamento, além de treinar os pais a manejar o comportamento da criança (Caminha, Almeida, & Scherer, 2011). Os programas de orientação a pais têm se mostrado efetivos na produção de mudanças positivas no comportamento das crianças, bem como na interação e envolvimento dos pais com os filhos (Caminha, 2011; Marinho, 1999; Neufeld & Maehara, 2011; Salvador, 2012; Weber, Salvador, & Brandenburg, 2006).

No Brasil, existem alguns poucos estudos que buscaram aplicar a metodologia de orientação a pais em grupo, aos pais de crianças com dificuldades escolares e de comportamento. Rolfsen e Martinez (2008) orientaram pais de crianças com dificuldades de aprendizagem das primeiras séries do ensino fundamental. O grupo contou com seis encontros cujas temáticas envolveram “a organização e a rotina na família”, “apoio à criança nas atividades escolares”, “Relacionamento entre a família e a escola”, “Compartilhamento de experiências enriquecedoras no dia a dia”, “Comunicação e relacionamento familiar” e “Práticas educativas”. Os resultados do programa demonstraram mudanças positivas na interação familiar. As autoras observaram que as práticas parentais foram alteradas em relação à nova organização da rotina da criança, além de que os pais passaram a buscar formas de ajudar a criança nas tarefas escolares.

Marturano e Elias (2006) descrevem um programa de apoio aos pais de crianças com dificuldades escolares em uma clínica-escola. Apesar de não haver resultados sistematizados da intervenção no que tange o desempenho escolar e o funcionamento da criança, as informações relativas à satisfação dos pais com o programa foram positivas. Já o estudo de Salvador (2012) utilizou o programa de qualidade na interação familiar (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2011) para trabalhar com os pais na escola. A autora observou que a partir da intervenção houve aumento do desempenho escolar das crianças e redução de problemas de comportamento relacionados a situações do contexto escolar. Segundo a autora, houve diminuição do envolvimento negativo dos pais nas tarefas escolares dos filhos e aumento no envolvimento positivo. Marturano e Elias (1999) utilizaram um programa de apoio a pais com intuito de orientar e informar sobre as medidas que podem ser implementadas no apoio aos filhos nas questões escolares. Com base nesse grupo, as autoras observaram como resultados que as mães se tornaram mais autoconfiantes em seu potencial para ajudar a criança e que a partir da melhora no relacionamento entre pais e filhos, os pais obtiveram percepções mais positivas da criança.

Diversos autores (Alvarenga *et al.*, 2001; Bolsoni-Silva & Marturano, 2007; Camacho & Matos, 2007; Cecconello, Antoni, & Koller, 2003; Cia, D´affonseca, & Barhan, 2004; Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Costa *et al.*, 2011; Ferreira & Marturano, 2002; Marin, Piccinini,

Gonçalves, & Tudge, 2012; Rolfsen & Martinez, 2008; Salvador, 2007; Salvador, 2012; Toni & Hecavei, 2014) demonstraram que as práticas usadas pelos pais podem influenciar as dificuldades de comportamento e desempenho escolar dos filhos, bem como os repertórios socialmente habilidosos. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo foi avaliar o efeito do programa de qualidade na interação familiar (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2011), sobre as práticas educativas parentais e a qualidade da relação pais-filhos, de pais de crianças com problemas de comportamento e dificuldades escolares. O critério da criança apresentar problemas de comportamentos e queixas escolares foi escolhida, tendo em vista a alta demanda dessas queixas entre a população infantil inscrita para atendimento psicológico em clínicas-escola de Psicologia. Ressalta-se a relevância social de estudos que viabilizam ações de promoção e prevenção de saúde tanto quanto dados de pesquisa.

MÉTODO

Participantes

Os participantes foram três mães e um pai (com idade média de 30,7 anos), que tinham filhos inscritos em fila de espera para tratamento psicológico em uma clínica-escola de uma Universidade do interior do Paraná. Os participantes foram selecionados a partir das fichas de triagem da clínica-escola, tendo sido critérios de inclusão no estudo: (a) a queixa referida para a solicitação de atendimento psicológico ser a de dificuldades escolares e dificuldades de comportamento da criança; (b) a criança ter idade entre 6 e 8 anos.

Instrumentos

a) Inventário de estilos parentais – IEP (Gomide, 2006): composto por 42 questões sobre o comportamento dos pais em relação à educação dos filhos, respondida através de uma escala *likert* de 3 pontos, que avalia duas práticas educativas positivas – monitoria positiva e comportamento moral – e seis práticas educativas negativas: punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa, abuso físico e abuso psicológico. A partir da avaliação dessas práticas pode-se classificar o estilo parental em 4 classes: ótimo, regular acima da média, regular abaixo da média e de risco. A autora recomenda que pais com estilo parentais regular abaixo da média e de risco participem de programas de orientação a pais. Existem duas versões do inventário: uma de autoavaliação, na qual os pais respondem sobre suas práticas educativas, e outra na que os filhos avaliem o comportamento dos pais. Na presente pesquisa, foi utilizada a versão de autoavaliação.

b) Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) (Weber *et al.*, 2009): composto por questões que descrevem as práticas utilizadas pelos pais em relação aos filhos. É constituído por nove escalas que avaliam: Envolvimento; Regras e monitoria; Comunicação positiva; Comunicação negativa; Clima conjugal positivo; Clima conjugal negativo; Punição corporal;

Modelo parental; Sentimento dos filhos. O instrumento originalmente foi construído para que os filhos respondessem sobre o comportamento dos pais, porém, no presente estudo, as questões foram adaptadas para que fossem respondidas pelos pais em uma escala dicotômica onde SIM=1 e NÃO=0.

c) Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF) adaptado (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2011). O programa foi seguido tal como descrito pelas autoras, tendo como adaptação a inclusão de uma orientação individual aos pais no quinto encontro; essa sessão não está prevista no programa original. Ainda, tendo em vista ser uma variável de homogeneidade do grupo as dificuldades escolares das crianças, os exemplos construídos ao longo do programa buscaram abarcar essa queixa.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada em seis etapas. Inicialmente o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade (CAAE: 15902913.4.0000.0106), tendo sido aprovado sob parecer número 323.322. A segunda etapa foi o contato com a clínica-escola para seleção inicial dos participantes. Essa foi realizada a partir das fichas de triagem das crianças que aguardavam na fila de espera para psicoterapia. A partir da seleção inicial, a diretora responsável pela clínica-escola entrou em contato com os pais, buscando verificar a possibilidade da participação destes no grupo de orientação. A quarta etapa foi uma entrevista inicial, na qual foi apresentada a pesquisa e coletado o TCLE; ainda foi realizada a coleta de dados no pré-teste, a partir do IEP e EQIF. A quinta etapa foi a intervenção (Programa de Qualidade na Interação Familiar). Com o início das intervenções, foram realizados três encontros antes das férias escolares, e seis encontros após. Destaca-se que o quinto encontro ocorreu de forma individual com cada pai, buscando orientar sobre questões específicas de cada família. Após esse encontro, retomou-se na sequência outros quatro encontros, seguindo o formato proposto pelo PQIF. Ao todo o grupo contou de nove encontros, com periodicidade semanal e duração de 90 minutos. Após cada encontro foi realizada a confecção dos relatos do grupo, contendo a descrição dos encontros e transcrição das falas dos participantes. Por fim, houve uma entrevista individual com os pais para devolutiva e coleta de dados pós-teste.

Análise de Dados

A análise ocorreu em duas etapas. A primeira apresenta a análise quantitativa dos dados, que se deu a partir das respostas dos participantes aos instrumentos IEP e EQIF. A segunda etapa buscou analisar o relato verbal dos pais no decorrer do programa, a partir da análise de conteúdo. Utilizando-se das transcrições das falas dos pais, sendo agrupadas a partir das categorias a qual se referiam, buscando-se exemplificar o processo, bem como, em alguns momentos, contrastar as falas apresentados pelos participantes ao início e ao final do programa.

RESULTADOS

Primeira Etapa

A análise quantitativa deu-se a partir das respostas dos pais ao Inventário de estilos parentais (Gomide, 2006) e das Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) (Weber et al., 2011), em pré-teste e pós-teste do grupo de orientação a pais. Estes podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1

Estilo Parental (IEP) e escores da Escala de Qualidade e Interação Familiar (EQIF) de cada participante no pré-teste e no pós-teste

Participantes	Pré-teste		Pós-teste	
	IEP	EQIF	IEP	EQIF
Participante 1	9	15	6	27
Participante 2	-5	15	8	27
Participante 3	-2	27	5	27
Participante 4	-3	15	14	21
Médias	-0,25 (dp 6,29)	18 (dp6)	8,25 (dp4)	25,5 (dp3)

Na Tabela 1, observa-se que nos resultados do Inventário de Estilos Parentais (IEP) três pais chegaram ao grupo de orientação apresentando índices de estilo parental muito baixos, equivalentes ao perfil considerado estilo parental de risco (Gomide, 2006), no qual prevalece a utilização de práticas de punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. Apenas o participante 1 apresentou no pré-teste pontuação 9, correspondendo ao percentil de 75, indicando o índice de Estilo Parental regular – acima da média. Na avaliação do pós-teste os participantes 2, 3 e 4 apresentaram aumento da pontuação, destacando-se o aumento de 16 pontos do participante 4. No pós-teste todos os participantes apresentam escores acima da média (Gomide, 2006).

Os resultados obtidos nas Escalas de Qualidade e Interação Familiar (EQIF) em pós-teste mostraram aumento na pontuação dos participantes 1, 2 e 4. Apenas um participante permaneceu com pontuação igual no pré-teste e pós-teste.

Na Tabela 2 estão apresentadas as médias das práticas educativas parentais avaliadas a partir do IEP, em pré-teste e pós-teste.

Tabela 2

Frequência das práticas educativas de cada participante, avaliadas a partir do IEP, no pré-teste e pós-teste

	Participante 1		Participante 2		Participante 3		Participante 4	
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste
Monitoria Positiva	12	12	10	12	10	12	10	12
Comportamento Moral	12	12	9	12	8	12	9	12
Punição Inconsistente	2	4	4	4	2	6	6	3
Negligência	1	2	5	3	3	3	4	2
Disciplina Relaxada	5	2	4	2	3	2	5	0
Monitoria Negativa	5	7	6	3	8	6	4	5
Abuso Físico	2	3	5	3	4	2	3	0

Pode-se observar na Tabela 2 que, para 3 dos 4 pais participantes, as práticas educativas positivas aumentaram do pré para o pós-teste. Na monitoria positiva, 3 de 4 pais apresentavam em pré-teste pontuação 10, o que equivale ao percentil 55 (estilo parental regular) da tabela de normatização do IEP (Gomide, 2006). No pós-teste, todos alcançaram a pontuação 12, equivalente ao percentil 100 (estilo parental ótimo). Na prática educativa comportamento moral, no pré-teste, 2 de 4 pais tinham pontuação 8, equivalente ao percentil 35 da tabela de normatização (estilo parental regular abaixo da média). Novamente, no pós-teste, todos alcançaram a melhor pontuação possível no inventário (estilo parental ótimo).

Quanto às práticas educativas negativas, pode-se observar que elas aconteciam com elevada frequência para a maior parte dos participantes. Houve muitas variações individuais, destacando-se que a prática da negligência diminuiu nos participantes 2 e 4, pais estes que apresentavam uma frequência bastante elevada da prática em pré-teste, ambos classificados, a partir do percentil da tabela de normatização, como risco (Gomide, 2006). Na prática da Punição Inconsistente observou-se que 2 participantes elevaram sua pontuação na variável, um manteve e um diminuiu no pós-teste. Três participantes encerraram o grupo com a classificação dessa prática parental como regular (Gomide, 2006). Ainda, a prática educativa abuso físico apresentou pontuações elevadas para todos os participantes no pré-teste, sendo que todos foram classificados, segundo Gomide (2006), como de risco. No pós-teste, houve melhoras, porém, ainda se observou em alguns participantes uma pontuação elevada. Na prática da disciplina relaxada, apresentou-se decréscimo nas pontuações de todos os participantes, quando comparada pré e pós-teste. Nessa prática, dois participantes apresentavam perfil de risco e dois um estilo parental regular em pré-teste. No pós-teste, todos melhoraram, colocando toda a amostra em posição regular acima da média ou ótima.

Segunda Etapa

As falas dos participantes foram agrupadas em categorias, buscando-se exemplificar o processo e contrastar, em alguns momentos, as falas dos pais ao início com o final da participação no programa.

Princípios da aprendizagem:

O primeiro tema abordado no grupo de orientação a pais foi sobre os princípios da aprendizagem. Nesse encontro se explicitou o que é um comportamento, como identificá-lo e como os comportamentos são aprendidos. Inicialmente, os pais apresentaram dificuldades em compreender como alguns comportamentos, como o de birra, são instaurados no repertório comportamental da criança. Porém, após a explicação teórica e as atividades ilustrativas, foi possível perceber que os pais alcançaram maior entendimento.

São exemplos:

“Então temos que ver o que acontece antes e depois que a criança tem tal comportamento pra entender porque ele acontece”.

“Quando a criança chora e grita a mãe dá o que ela quer então a criança sabe que se ela chorar de novo a mãe vai dar”.

Regras, limites e monitoria:

Ao abordar a temática regras e limites, inicialmente observou-se as dificuldades dos pais em compreender a importância da consistência e em manter-se consistente:

“Eu falo mil vezes, mas ela não escuta ou finge que não escuta para não fazer o que eu mando”.

“Mando ele fazer a tarefa e, quando vou ver, ele fez tudo errado só para fingir que fez e ir jogar vídeo game”.

“Eu falo: filha vai arrumar o quarto. E quando vou ver ela já ‘tá’ fazendo outra coisa, menos arrumando o quarto”.

“Eu preciso de mudanças, pois realmente preciso dar atenção pro meu filho e não simplesmente fazer tudo pra ele e assim solucionar o problema”.

Ao longo do grupo e também por meio das tarefas de casa que eram relatadas pelos pais, foi possível perceber a mudança nas falas, demonstrando um melhor entendimento da importância de manter-se coerente.

“Percebi que não dava uma regra clara e fácil pro meu filho entender”.

“Às vezes eu dava uma regra e meu marido descumpria na frente do menino, e isso não pode, deixa a criança confusa e os pais não são firmes”.

“Hoje eu falo para ele que ele só vai mexer no joguinho do celular depois que almoçar tudo o que ‘tá’ no prato e aí sim eu vou dar um tempo pra ele jogar... aí ele come e pede se já é hora do joguinho”.

“Eu deixei de mandar ele fazer os exercícios e só falar o que ‘tava’ errado. Agora eu explico e deixo ele tentar sozinho; se vejo que não consegue, eu vou e ensino de novo”.

Nessa categoria observa-se que a fala de um dos participantes reflete sua dificuldade e suas tentativas de auxiliar o filho nas atividades escolares, bem como a construção de estratégias que auxiliem a criança a superar suas dificuldades.

Envolvimento:

Após a encontro sobre a temática envolvimento dos pais com a vida dos filhos pode-se explorar como os esses estavam empenhados em uma interação positiva com seus filhos:

“É, em alguns pontos a gente precisa mesmo dedicar mais tempo ao filho pra conhecer o que realmente interessa ele e buscar conhecer também maneiras que o V. consegue ter maior concentração nas atividades da escola”.

“Para conhecer bem o filho, a gente precisa ter interesse pelas coisas dele”.

“Só ficar do lado da criança não adianta, tem que participar e demonstrar carinho”.

“Estou dedicando mais tempo e encorajando mais o J. nas tarefas dele”.

“Estou dando mais atenção para o E. e já faz três semanas que ele não brigou na escola”.

Com base nos relatos citados, é possível observar a tentativa de alguns participantes em envolverem-se mais nas atividades cotidianas da criança, inclusive nas atividades escolares.

Autoconhecimento e Modelo:

Sobre a temática Autoconhecimento e Modelo, observou-se que a partir da discussão do tema, os pais passaram a relatar a consciência da importância de ser modelo:

“É verdade, pois às vezes eu faço qualquer coisa e o E. me copia”.

“Um dia eu achei um dinheiro que não era meu e devolvi pra pessoa, e aí outro dia encontramos alguma coisa e o J. falou: ‘tem que devolver, né, pai?’”

Ainda, enquanto resultado relevante, destaca-se que após o encerramento do Grupo de Orientação a Pais, nenhum dos quatro participantes achou necessária a permanência de seu filho na lista de espera para atendimento psicoterápico infantil. Todos relataram melhora nos comportamentos da criança que os motivou a buscar atendimento psicoterápico. Ainda, descreveram que compreendiam as funções dos comportamentos indesejados da criança, e que acreditavam que conseguiriam manejá-los sem a necessidade de intervenção psicoterápica com a criança.

DISCUSSÃO

Trabalhar com grupos de orientação a pais de crianças com queixas comportamentais tem sido apontado como uma intervenção de baixo custo e elevado potencial na clínica infantil (Bolsoni-Silva & Marturano, 2007; Caminha, Almeida, & Scherer, 2011; Caminha, 2011; Cia, Pamplin, & Williams 2008; Salvador, 2007; Costa, Rodrigues, Bizarro, & Fridman, 2011; Tozze & Bolsoni-Silva, 2017; Weber, 2017). Nesse contexto, o presente artigo teve como objetivo apresentar os resultados de um grupo de orientação a pais de crianças com problemas de comportamento e dificuldades escolares. Todos os pais foram recrutados em um clínica-escola, enquanto aguardavam na fila de espera para atendimento psicoterápico de seus filhos.

Tal objetivo foi construído com base na observação da população que busca atendimento na clínica-escola, a qual, como em vários outros serviços-escola, tem como principal população atendida crianças com queixas envolvendo problemas de comportamento e dificuldades escolares

(Silvares, Meyer, Santos & Gerencer, 2006). Ainda, como a literatura descreve (Caminha, 2011; Cia, Pamplin & Williams 2008; Tozze & Bolsoni-Silva, 2017; Weber, 2017), grande parte dos problemas que a criança apresenta são mantidos pelas práticas educativas dos pais/cuidadores que contingenciam o comportamento da criança. Daí que, modificando-se tais práticas, pode-se alcançar a mudança de comportamento da criança. Nesse contexto, trabalhos com pais e em grupo na clínica-escola podem ser uma forma viável de contribuir para diminuir as listas de espera dos serviço-escola, bem como alcançar a remissão/diminuição da frequência dos comportamentos indesejados da criança.

Os resultados do presente estudo foram construídos a partir de medidas objetivas de inventários e do relato espontâneo dos pais durante os encontros do grupo de orientação. Assim, buscou-se tanto apresentar dados objetivos, quanto descrever a experiência dos pais no relacionamento com seus filhos. As combinações dos métodos de análise dos resultados demonstram que os pais que participaram do grupo de orientação obtiveram ganhos, tanto no que tange a melhora de suas práticas educativas, quanto de sua percepção sobre o comportamento da criança e interação familiar.

Os resultados objetivos demonstraram que, em geral, houve aumento do índice de estilo parental e no índice de qualidade da interação familiar, quando comparados pré-teste e pós-teste, para cada participante. Segundo Weber (2011), os treinamentos para pais possibilitam a estes o enfrentamento de problemas relacionados ao comportamento infantil e a melhora de sua qualidade de interação, visto que os pais aprimoram a forma de aplicar o reforço para o comportamento desejado e aprendem a corrigir os comportamentos indesejados de seus filhos utilizando estratégias mais eficientes. Hipotetiza-se que a partir das mudanças nas práticas dos pais e melhora na interação entre pais e filhos, houve melhora no comportamento das crianças, visto que estas passaram a cumprir regras, expressar seus sentimentos e envolveram-se mais nas atividades sociais e escolares, segundo relato dos pais. Apoia-se assim a hipótese que a qualidade na interação familiar pode propiciar um desenvolvimento mais saudável à criança (Caminha, Almeida, & Scherer, 2006; Salvador, 2012; Weber, 2007).

Observou-se ainda um aumento das práticas educativas positivas dos participantes e uma diminuição da maior parte das práticas negativas. Alguns autores (Salvador, 2012; Wainer & Wainer, 2006; Weber *et al.*, 2006) apontam que intervenções focadas em orientação aos pais contribuem na melhora de suas práticas, pois estes aprendem a se auto-observar, aprendem estratégias de manejo com a criança, como consequenciar comportamentos, percebem a importância de sua ação no desenvolvimento da criança etc. Além disso, a criança sente-se amada e se opõe menos às regras (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2011). Os dados encontrados no presente estudo vão ao encontro de outras pesquisas que avaliaram como as práticas usadas pelos pais podem influenciar as dificuldades de comportamento e desempenho escolar de seus filhos (Bolsoni-Silva & Marturano, 2007; Cecconello, Antoni, & Koller, 2003; Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Ferreira & Marturano, 2002; Rolfsen & Martinez, 2008; Salvador, 2007, 2012; Toni & Hecavei, 2014). A partir dos relatos dos pais, foi possível observar indiretamente como estes contingenciavam muitas vezes de forma incorreta e inconsistente o comportamento dos filhos, o que contribuía para a manutenção do comportamento indesejado da criança. São exemplos as ordens repetitivas e sem

consequências, bem como as dificuldades de acompanhamento da criança, práticas essas que a literatura demonstrou estarem diretamente relacionadas as dificuldades escolares (Marturano & Elias, 1999; Rolfsen e Martinez, 2008; Salvador, 2012; Sapienza, Farias, & Silvaes, 2009; Toni & Hecavei, 2014).

O aumento das práticas educativas positivas pode estar atrelado a temáticas relacionadas à importância do acompanhamento da criança, envolvimento, regras e limites, temas esses que foram extensamente discutidas no grupo. Estudos demonstram que o acompanhamento e as regras claras contribuem para o desenvolvimento prosocial da criança, o que por sua vez melhora as relações nos diferentes contextos da criança (Salvador, 2012; Salvo, Silvaes, & Toni, 2005; Weber *et al.*, 2006)

Observou-se também uma diminuição de várias práticas educativas negativas dos participantes. Tais resultados podem ter sido resultado do aprofundamento em temáticas como construir regras claras para a família, usar consequências positivas e lógicas para os comportamentos da criança, possibilitar uma comunicação positiva, apresentar regras e supervisionar o comportamento e ser um modelo. Tendo em vista o aumento das práticas educativas positivas para todos os participantes, é possível supor que a partir do maior uso destas, os pais conseguiram diminuir o uso de práticas coercitivas e com isso provavelmente contribuíram para a melhora do comportamento da criança. Destaca-se que tal mudança é prevista, pois autores apontam que a manutenção de grande parte do repertório infantil depende do padrão de interação que os pais estabelecem com seus filhos (Mayer, Batista, & Toni, 2013; Salvador 2007).

Entre as práticas negativas, que tiveram ampla variação entre os participantes, está a punição inconsistente. Segundo Gomide (2011), esta refere-se à falha em usar a punição, sendo caracterizada pela punição dependente do humor dos pais e não de acordo com o comportamento indesejado da criança. Assim, acaba gerando inconstância nas consequências do comportamento da criança. A prática de punição inconsistente, para ser melhor manejada pelos pais, buscando sua extinção/baixa frequência, demanda de auto-observação e autoconhecimento. Estes repertórios não são facilmente desenvolvidos, pois dependem de uma prática constante de vigilância dos pais sobre seu comportamento privado e aberto, bem como desenvolvimento de autocontrole (Hübner & Moreira, 2012). Este pode ser o caminho para entender o aumento nas pontuações da prática de punição inconsistente entre alguns dos participantes, pois os pais passaram a se observar mais e relataram estarem mais conscientes desta prática em seu repertório. Os relatos verbais dos pais demonstraram suas tentativas de reconhecimentos e mudança na direção de regras mais coesas e consistentes. Nesse sentido, o índice da prática educativa disciplina relaxada diminuiu para todos os participantes, o que corrobora a hipótese de tentativas de uso adequado de regras e consequências nas famílias participantes.

Pode-se observar ainda, a partir do relato dos pais, que estes conseguiram perceber que as regras dadas não eram claras e que, além disso, a punição era dada de forma inconsistente. Os participantes descreveram verbalmente como tais comportamentos atrapalhavam na compreensão da ordem por parte da criança, que acabava não cumprindo a regra e conseqüentemente apresentando comportamentos indesejados. Gomide (2011) ressalta a importância das regras claras e coesas para desenvolver habilidades harmoniosas de convivência de modo que se

previne os comportamentos indesejados. Observou-se também a mudança do relato dos pais que, após tarefas envolvendo o monitorar o comportamento do filho, estipular regras claras e consequenciar de forma positivamente o comportamento da criança, observaram mudanças no comportamento desta. Nesse contexto, a criança gradativamente pareceu sentir-se mais segura para executar algumas atividades sozinha, o que refletiu, por exemplo, em realizar as tarefas escolares sozinha. Tais relatos dos pais apontam para a construção da autonomia na criança, o que facilita a execução de atividades escolares. Esses comportamentos contribuem para a diminuição das dificuldades escolares, visto que realizar as atividades e tarefas escolares aumenta a probabilidade de a criança aprender e/ou identificar dificuldades que podem ser sanadas pelo auxílio de pais e professores. Tais resultados estão alinhados à literatura que descreve que quanto maior a monitoria positiva exercida pelos pais, melhor o rendimento escolar da criança (Rolfen & Martinez, 2008; Salvador, 2007, 2012; Toni & Hecavei, 2014).

A partir do relato dos participantes, bem como da melhora do índice de estilo parental (IEP) e nível de interação familiar (EQIF), pode-se perceber um impacto muito positivo do grupo nas relações familiares dos participantes. Estes descreviam, a cada encontro, como estava sendo possível melhorar a organização da casa, a rotina da criança, sua relação com os filhos e parceiros, bem como a construção de espaços de trocas significativas na família a partir das discussões e vivências do grupo. Tais aspectos vão ao encontro de outros trabalhos (Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Rolfen & Martinez, 2008; Salvador, 2012; Weber *et al.*, 2004) que relatam o impacto positivo da orientação a pais.

Apesar de não se ter medidas diretas do comportamento das crianças (problemas de comportamento e dificuldades escolares), que foram critérios de inclusão neste estudo, os resultados encontrados apoiam a hipótese de que os grupos de orientação a pais apresentam uma estrutura básica que favorece as famílias, contribuindo para a remissão/diminuição de comportamento indesejados da criança (Rolfen & Martinez, 2008; Salvador, 2012). Os pais, ao aprenderem estratégias básicas de manejo comportamental, bem como amplificando repertório de cuidado e acompanhamento da criança, pareceram conseguir contingenciar diferentes classes de resposta da criança, o que resultou em um contexto familiar mais positivo e com menos comportamentos indesejados, sendo importante destacar a diminuição das queixas escolares na presente amostra. Ainda, os quatro participantes optarem por sair da lista de espera para atendimento psicoterápico infantil por sentirem-se aptos a manejar as dificuldades da criança em casa, também apoia os resultados da eficácia do grupo de orientação a pais como uma alternativa ao atendimento psicoterápico infantil de criança com queixas de dificuldades de comportamento e escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou avaliar o efeito de um grupo de orientação a pais sobre as práticas educativas e qualidade da interação familiar de pais de crianças que aguardavam na fila de espera para atendimento psicoterápico infantil, de uma clínica-escola de psicologia. Os resultados demonstraram melhora das práticas educativas e da interação familiar, sendo que, ao

final do grupo, os pais optaram por retirar o nome das crianças da fila de espera por já estarem conseguindo manejar as queixas que os levaram a buscar ajuda na clínica-escola.

Dentre as dificuldades para a implementação do presente trabalho, destaca-se a dificuldade relatada pelos pais de terem algum espaço para deixar as crianças para poder participar do grupo. Buscando sanar essa questão, no presente trabalho, organizou-se um grupo recreativo com as crianças que ocorria ao mesmo tempo que os encontros do grupo de pais. Outra limitação encontrada com a proposta de intervenção foi a baixa adesão dos pais ao trabalho de orientação em grupo. Inicialmente, o grupo contava com 10 participantes e no decorrer dos encontros apenas 4 pais finalizaram o trabalho. Duas hipóteses são levantadas para tais observações. A primeira refere-se ao contexto no qual os pais buscam psicoterapia para os filhos; em geral, os pais entendem que o “paciente” será a criança, e quando eles são convidados a serem os protagonistas do processo, como foi o caso do grupo, acabam não aderindo à proposta. Uma segunda hipótese para a baixa adesão relaciona-se ao tempo da intervenção.

O tempo da intervenção, que foi restrito e que teve quebras na periodicidade semanal devido às férias escolares, impôs limitações ao grupo. Como sugestão a futuros trabalhos está a organização dos grupos, sem quebras e por mais tempo, promovendo assim maior consolidação de aprendizagens. Também devido ao formato desenhado para a intervenção, bem como adequação a prazos externos, houve a impossibilidade da realização de *follow up*, que poderia evidenciar mudanças em longo prazo. Sugere-se em estudos futuros a construção de grupos controles, condução de *follow up* dos participantes, bem como mensuração de variáveis comportamentais e escolares da criança em pré e pós-teste, além de medidas diretas do comportamento dos pais.

O trabalho com grupos, pautado em um modelo de grupo de orientação a pais estruturado, mostrou-se uma alternativa econômica e viável para o atendimento a queixas infantis na clínica-escola de Psicologia. A partir do presente estudo notou-se a necessidade de espaços de reflexão destinados a pais, bem como a validade de se oferecer instrumentalização a estes para melhorar a qualidade de suas relações familiares.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000300002>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2007). A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamentos de pré-escolares. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 349-358. Recuperado em 3 de julho, 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300010&lng=pt&tlng=pt

- Camacho, I., & Matos, M. G. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. *Revista brasileira de terapia cognitiva*, 3(2), 37-55.
- Caminha, M. G. (2011). Treinamento de pai: fundamentos teóricos. In M. G. Caminha, & R. M. Caminha (Org.), *Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil*. (pp. 89-120). Porto Alegre: Sinopsys.
- Caminha, M. G.; Almeida, F. F., & Scherer, L. P. (2011). Treinamento de pai: fundamentos teóricos. In M. G. Caminha, & R. M. Caminha (Org.), *Intervenções e Treinamento de pais na clínica infantil* (pp. 13-30). Porto Alegre: Sinopsys.
- Cecconello, A. M., Antoni C., & Koller S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(SpecIssue), 45-54. Recuperado em 3 de julho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07>
- Cia, F., D'afonseca, S. M., & Barhan, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, 14(29), 277-286. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300004>
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Williams, L. C. A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 351-360. Recuperado em 3 de julho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a18v13n2.pdf>
- Costa, C. S. L., Cia, F., & Barham, E. J. (2007). Envolvimento materno e desempenho acadêmico: comparando crianças residindo com a mãe e com ambos os pais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 11(2), 339-351. Recuperado em 9 de julho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a12.pdf>
- Costa, F. S., Rodrigues, M. P., Bizarro, L., & Friedman, R. (2011). Treinamento de pais na obesidade infantil. In M. G. Caminha, & R. M. Caminha (Org.), *Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil*. (pp. 191-206). Porto Alegre: Sinopsys.
- Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100005>
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Org.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes.
- Hübner, M. M., & Moreira, M. B. (2012). Fundamentos de Psicologia: temas clássicos de Psicologia à luz da Análise do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Lacerda, C. K. F. R. (2007). Repetência e fracasso escolar. *Psicologia NRE Cianorte, Gestão Escolar*. Recuperado em 9 de julho, 2018, de http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_chislaine_keile_fernandes_ruiz_lacerda.pdf
- Maccoby, E. E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child Psychology: socialization, personality and social development*. (4a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

- Marin, A. H., Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R., & Tudge, J. R. H. (2012). Práticas educativas parentais, problemas de comportamento e competência social de crianças em idade pré-escolar. *Estudos de Psicologia*, 17(1), 05-13. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100002>
- Marinho, M. L. (1999). *Treinamento comportamental para pais: uma abordagem ao comportamento infantil disruptivo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.
- Marinotti, M. (2012). A importância da participação da família na clínica analítico-comportamental infantil. In N. B. Borges, & F. A. Cassas (Org.), *Clínica analítico-comportamental* (pp. 251-258). Porto Alegre: Artmed.
- Martinelli, S. C., Agüena-Matsuoka, E. C., & Fernandes, D. C. (2017). Estudo fatorial de um inventário de práticas e crenças parentais. *Psico-USF*, 22(2), 249-260. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220205>
- Marturano, E. M., & Elias, L. C. S. (1999). O atendimento psicológico a crianças com dificuldades escolares. In V. L. C. Parreira & E. M. Marturano (Org.). *Como ajudar seu filho na escola* (pp.75-88). São Paulo: Ave Maria.
- Marturano, E. M., & Elias, L. C. S. (2006). O atendimento psicológico a crianças com dificuldades escolares. In E. F. M. Silveiras (Org.), *Atendimento psicológico em clínicas-escola* (pp. 75-90). Campinas: Alínea.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244. Recuperado em 12 de julho, 2018, de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19885/19187>
- Mayer, A. P. F., Batista, A. P., & Toni, C. G. S. (2013). Avaliação e intervenção em casos de dificuldade de aprendizagem: análise funcional e diferentes focos de intervenção. In C. E. Costa, C. R. X. Cançado, D. R. Zamignani, S. R. S. Arrabal-Gil, *Comportamento em Foco* (Vol. 2, pp. 229-243). São Paulo: ABPMC.
- Neufeld, C. B., & Maehara, N. P. (2011). Um programa cognitivo-comportamental de orientação a pais em grupo. In M. G. Caminha & R. M. Caminha (Org.), *Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil*. (pp. 149-175). Porto Alegre: Sinopsys.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rolfsen, A. B., & Martinez, C. M. S. (2008). Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar. *Paidéia*, 18(39), 175-188. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100016>
- Salvador, A. P. V. (2007). *Análise da relação entre práticas educativas parentais, envolvimento com tarefas escolares, depressão e desempenho acadêmico de adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

- Salvador, A. P. V. (2012). *Intervenção em grupo com famílias na escola: foco nas queixas escolares dos filhos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. M., & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia de Campinas*, 22(2), 187-195. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200008>
- Sapienza, G., Farias M. A., & Silveiras, E. F. M. (2009). Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 208-213. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000200006>
- Silveiras, E. F. M. (2006). *Atendimento psicológico em clínicas-escola*. São Paulo: Alínea.
- Silveiras, E. F. M.; Meyer, S. B.; Santos, E. O. L. & Gerencer, T. T. (2006). Um estudo em cinco clínicas-escolas brasileiras com a lista de verificação comportamental para crianças (CBCL). In E. F. M. Silveiras (Orgs.), *Atendimento psicológico em clínicas-escola* (pp. 59-72). Campinas: Alínea.
- Skinner, B. F. (1953). *Ciência e comportamento humano* (11a ed., Coleção Biblioteca Universal). São Paulo: Martins Fontes.
- Toni, C. G. S., & Hecavei, V. A. (2014). Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. *Psico-USF*, 19(3), 511-521. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712014019003013>
- Toni, C. G. S., & Silveiras, E. F. M. (2013). Práticas educativas parentais e comportamentos de saúde e risco na adolescência: Um modelo preditivo. *Psicologia Argumento*, 31(74), 457-471. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.31.074.AO01>
- Tozze, K. F., & Bolsoni-Silva, A. T. (2017). Intervenções em grupo com pais de adolescentes com problemas de comportamento internalizante. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(4), 6-24. doi: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i4.1091>
- Wainer, R. & Wainer, G. (2006). Treinamento de pais para o transtorno de conduta e o transtorno desafiador de oposição. In M. G. Caminha, & R. M. Caminha (Orgs.), *Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil* (pp. 207-240). Porto Alegre: Sinopsys.
- Weber, L. N. D. (2007). *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites* (2a ed.). Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D. (2017). Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e o uso de substâncias por adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology / INFAD Revista de Psicología* 2(1), 157-168. doi: <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.928>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. Recuperado em 12 de julho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3.pdf>
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Salvador, A. P. V. (2006). Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF): orientação e treinamento para pais. *Psico*, 37(2), 139-149. Recuperado em 12 de julho, 2018, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1428/1121>

- Weber, L. N. D., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2009). Escalas de Qualidade na Interação Familiar–EQIF. In L. N. D. Weber, & M. A. Dessen (Orgs.), *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp. 57-68). Curitiba: Juruá.
- Weber, L., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2011). *Programa de qualidade na interação familiar: manual para aplicadores*. (2a ed). Curitiba: Juruá.

Recebido em: 30-07-2018

Primeira decisão editorial: 03-09-2018

Aceito em: 26-11-2018